UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES

Psicologia, Educação e Temas Contemporâneos

## Percorrendo Saberes: Entrelaçando Psicologia, Educação e Filosofia

São Paulo 2024

Gustavo Henrique - 15674466

## Percorrendo Saberes: Entrelaçando Psicologia, Educação e Filosofia

Relatório de pesquisa apresentado à banca avaliadora como atividade avaliativa parcial para a disciplina de Psicologia, Educação e Temas Contemporâneos, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH USP).

Orientadora: Profa. Dra. María Elena Infante-Malachias

São Paulo 2024

## SUMÁRIO

1. [DEDICATÓRIA E APRESENTAÇÃO 4](#_TOC_250019)
2. [AULAS 5](#_TOC_250018)
   1. Apresentação da disciplina......................................................................................... 5

2.2 Epistemologia - uma breve introdução. 5

2.3 [Pensamento Abissal e Pós abissal - Boaventura de Souza Santos 6](#_TOC_250017)

2.4 [Impacto do conceito de cultura no conceito de homem - Clifford Geertz 6](#_TOC_250017)

2.5 [Paleoantropologia: Vídeo: Como nos tornamos humanos? 6](#_TOC_250017)

2.6 [Como surge o humano a partir da Paleoantropologia? 7](#_TOC_250017)

2.7 [Conversações matrísticas e patriarcais 7](#_TOC_250017)

2.8 [Desenvolvimento Moral 8](#_TOC_250017)

2.9 [Quem é o adolescente 9](#_TOC_250017)

2.10 [Os dois nascimentos e dificuldades de aprendizagem 9](#_TOC_250017)

2.11 [Amar e brincar: Fundamentos do desenvolvimento humano...............................10](#_TOC_250017)

2.12 [FILME: "Como estrelas na terra, toda criança é especial”....................................10](#_TOC_250017)

2.13 [Constituir um grupo - qual é meu papel?...................................................................11](#_TOC_250017)

2.14 [Pensamento educacional de Paulo Freire...............................................................12](#_TOC_250017)

3. REFLEXÕES FINAIS...........................................................................................................13

1. Dedicatória e Apresentação

Dedico este diário a todos os professores que, com paciência e dedicação, plantam as sementes do saber e da transformação. À Profa. Dra. María Elena Infante-Malachias, que guiou esta jornada de reflexões com sabedoria e sensibilidade. Agradeço aos colegas, cuja companhia tornou o percurso mais leve e enriquecedor, e pelas trocas que contribuíram para o aprendizado compartilhado. Além disso, dedico este trabalho a este espaço de escrita e reflexão, que permitiu revisitar temas essenciais para compreender o humano, a cultura e a educação. Que este diário simbolize o compromisso com a construção de um mundo mais inclusivo e ético.

Finalmente, dedico este trabalho a todos os educadores, especialmente àqueles que impactaram minha trajetória de vida. Esses educadores acreditam no poder transformador da pedagogia crítica e no potencial único de cada estudante. Que jamais falte coragem para sonhar com uma educação emancipadora.

Introdução à Disciplina:

A disciplina Psicologia, Educação e Temas Contemporâneos conduziu uma jornada de aprendizado interdisciplinar, explorando como a psicologia e a educação dialogam na compreensão e transformação da experiência humana. Sob a orientação da Profa. Dra. María Elena Infante-Malachias, fui provocado a refletir criticamente sobre temas como desenvolvimento moral, estruturas sociais que moldam a humanidade, impacto cultural na formação do indivíduo e as contribuições de grandes pensadores, como Paulo Freire e Boaventura de Souza Santos.

O diário de aula foi idealizado como uma ferramenta reflexiva, permitindo registrar e revisitar os principais aprendizados de cada encontro. Por meio de leituras, debates, filmes e atividades, construí um mosaico de saberes que ampliaram minha visão acadêmica e desafiaram a enxergar a educação como um campo de possibilidades transformadoras.

Neste trabalho, apresento os registros de cada aula, acompanhados de reflexões pessoais que conectam teoria e prática, buscando compreender o humano em toda a sua complexidade.

4

1. Aulas
   1. Apresentação da disciplina

Foi um momento de apresentação da professora, dos colegas e das formas de avaliação. Também ficou claro que o registro em diário seria um componente essencial para a avaliação, promovendo uma reflexão contínua sobre os temas abordados. Consegui interagir com alguns colegas de classe, e é sempre estranho perceber a diferença entre a sua percepção sobre si mesmo e o que os outros pensam e acham de você à primeira vista. Essa foi uma atividade da aula.

Uma reflexão minha tirada dessa atividade é que, querendo ou não, a primeira impressão impacta, e muito, o modo como o mundo nos enxerga. Isso, certamente, pode ser um mal para o indivíduo que apenas aparenta ser algo, já que, em nossa sociedade, se dá tanto valor a esse julgamento fútil do ser, instigando cada vez mais o “aparentar” em vez de realmente ser o que é.

Lógico, somos seres multifacetados e, mesmo assim, precisamos aparentar alguma coisa. No entanto, é estranho como somos levados a agir como um estereótipo de certo modo (me incluo nessa), seguindo padrões de vestimenta, postura, falas e ideias. Assim, de forma curiosa e cada vez mais fácil, o ser pode se perder na própria aparência.

Palavra do dia: Aparência.

* 1. Epistemologia - uma breve introdução

Quando penso sobre o conhecimento na perspectiva sistêmica, começo a perceber como ele vai além de simples fatos ou verdades isoladas, e se entrelaça com aspectos mais complexos da vida. Essa visão nos coloca diante de uma realidade cheia de camadas, onde as relações causais recursivas se tornam uma chave para entender como os elementos interagem entre si. Em vez de ver as coisas como causas e efeitos simples, entendo que tudo está interconectado e, muitas vezes, o que acontece em uma parte do sistema pode influenciar outras partes de maneiras inesperadas. Essas relações criam uma dinâmica de complexidade, onde não é possível separar os fenômenos em partes isoladas, porque o todo está constantemente influenciando suas partes.

Essa perspectiva me ensina que o conhecimento não é algo que podemos apreender de forma simples ou definitiva. Ele é complexo, instável e, acima de tudo, plural. Cada um de nós traz uma versão do que chamamos de "realidade", e entender isso me permite não só aprender mais, mas também ser mais aberto, empático e reflexivo sobre as diferentes formas de ver o mundo.

Palavra do dia: Conhecimento.

5

* 1. Pensamento Abissal e Pós abissal - Boaventura de Souza Santos

Refletindo sobre as palavras de Boaventura de Souza Santos, percebo como o pensamento moderno ocidental impôs uma única forma de saber aos territórios colonizados, marginalizando outras formas de conhecimento. Ele nos convida a repensar essa divisão, a ultrapassar o que ele chama de "abismo epistemológico", e a criar ecologias de saberes, onde diversas formas de conhecimento possam coexistir e se fortalecer mutuamente.

Quando olho para o Sul Global, vejo uma riqueza imensa de saberes que foram desvalorizados, mas que têm muito a contribuir. Repensar o Sul Global significa dar espaço para que esses saberes possam ser ouvidos e reconhecidos, sem a necessidade de serem subordinados a uma visão ocidental. Acredito que, ao fazer isso, podemos construir um mundo mais plural e justo, onde as diferentes formas de saber não sejam apenas toleradas, mas verdadeiramente integradas no processo de transformação social.

Palavra do dia: Dualidade.

* 1. Impacto do conceito de cultura no conceito de homem - Clifford Geertz

Ao refletir sobre o texto de Clifford Geertz, percebo como o conceito de cultura molda profundamente a maneira como entendemos o conceito de ser humano. Geertz argumenta que nossa visão de quem somos e como nos comportamos está intimamente ligada à cultura em que estamos inseridos. A forma como vemos o ser humano não é universal, mas é condicionada pelas estruturas culturais que influenciam nossas ações, valores e crenças.

Ao considerar esse impacto, começo a perceber que nossa compreensão do que significa ser humano não é algo fixo, mas algo que se molda e se adapta conforme os contextos culturais. Isso nos desafia a pensar que, talvez, o que consideramos "universal" ou "natural" sobre a humanidade seja, na verdade, uma construção cultural específica. Repensar esse conceito de ser humano pode nos ajudar a entender melhor as diversas formas de vida e de pensamento que existem ao redor do mundo, reconhecendo que a cultura não define apenas o que fazemos, mas também o que somos.

Palavra do dia: Humanidade

* 1. Paleoantropologia: Vídeo: Como nos tornamos humanos?

No episódio do documentário Como nos Tornamos Humanos, quando o Dr. Svante

6

Pääbo fala sobre o sequenciamento do genoma dos Neandertais. Saber que ele foi premiado com o Nobel de Medicina em 2022 por seu trabalho na Paleogenômica me fez refletir sobre como as descobertas científicas podem mudar nossa compreensão sobre nós mesmos. Ao estudar o DNA antigo, ele nos mostra que nossa história evolutiva é mais complexa do que imaginávamos, com trocas genéticas entre espécies humanas diferentes, como os Neandertais. Isso me faz pensar em como nossas raízes são mais interconectadas do que simples linhagens diretas. O trabalho dele abriu minha mente para a ideia de que a nossa identidade humana é, na verdade, uma mistura de diversas influências, e não uma linha reta.Como surge o humano a partir da Paleoantropologia?

Palavra do dia: Conexão

* 1. Como surge o humano a partir da Paleoantropologia

O texto de A Pré-História da Mente me fez refletir sobre como a mente humana surgiu e evoluiu ao longo do tempo. A partir da Paleoantropologia, entendo que o que realmente nos tornou humanos foi a transformação na maneira de pensar, comunicar e perceber o mundo ao nosso redor. Ao longo da evolução, a mente foi se tornando mais capaz de lidar com abstrações, simbolismos e relações sociais complexas. Isso permitiu que a humanidade criasse culturas, linguagens e formas de organização. Ao refletir sobre isso, percebo que a mente humana não se desenvolveu de forma isolada, mas foi profundamente influenciada pelo ambiente e pelas interações sociais.

Palavra do dia: Nascimento

* 1. Conversações matrísticas e patriarcais.

Na aula sobre Conversações matrísticas e patriarcais, comecei a refletir sobre como as ciências naturais e as ciências humanas abordam a origem das culturas patriarcal, matriarcal e matrística. O conceito de cultura patriarcal é amplamente discutido como um sistema em que o poder é concentrado nas mãos dos homens, enquanto a cultura matriarcal sugere um modelo de organização social em que as mulheres desempenham um papel central. Porém, o conceito de cultura matrística é algo que me chamou mais atenção, pois propõe uma organização social mais igualitária, com foco na colaboração e na distribuição de poder de maneira mais fluida e menos hierárquica.

7

Essas diferentes abordagens históricas e culturais me fizeram questionar as formas como as sociedades foram estruturadas ao longo do tempo. A cultura patriarcal parece ter se consolidado como a mais dominante, mas a ideia de uma cultura matrística, mais cooperativa, me fez pensar em outras possibilidades para o futuro das relações humanas. Ao refletir sobre esses modelos, percebo como as normas de gênero e poder moldaram tanto o passado quanto as relações sociais atuais, e como repensar essas estruturas pode nos ajudar a criar sociedades mais justas e equilibradas.

Palavra do dia: Matrística

* 1. Desenvolvimento Moral.

Refletindo sobre o desenvolvimento moral, fico pensando sobre como a moralidade se molda ao longo da vida e como ela é influenciada por uma série de fatores internos e externos. A moralidade não parece ser algo fixo, mas sim algo que cresce e se transforma à medida que amadurecemos. Desde as primeiras interações na infância, somos confrontados com regras, com o certo e o errado, e a forma como internalizamos essas normas vai definindo nossa visão sobre o mundo e sobre os outros.

Ao mesmo tempo, me vem à mente como muitas dessas normas morais podem ser influenciadas pela sociedade, pela cultura em que vivemos, e até pelo ambiente familiar. A moralidade, muitas vezes, parece ser algo que é imposto de fora para dentro, e isso gera conflitos internos. Quando penso em como Nietzsche questiona a moralidade, percebo que, muitas vezes, as normas estabelecidas pela sociedade podem limitar a liberdade individual e moldar nosso comportamento de forma restritiva. Por outro lado, a forma como Freud vê a moralidade, como algo que é internalizado, me faz refletir sobre a constante luta entre o que a sociedade espera de nós e o que realmente desejamos ser.

A moral, então, me parece uma construção cheia de camadas, um processo dinâmico que se transforma ao longo da vida, e que nem sempre é claro. Às vezes, ela parece ser algo imposto, outras vezes, algo conquistado. Isso me leva a questionar: até que ponto somos realmente livres para desenvolver nossa própria moralidade, ou até que ponto ela é uma resposta à pressão do mundo ao nosso redor?

Palavra do dia: Consciência

8

* 1. Quem é o adolescente?

A adolescência é um período de muitos lutos, e, na perspectiva de Ana Freud, esses lutos não são apenas sobre a perda de algo concreto, mas sobre a perda de fases da própria identidade. O adolescente perde a infância, perde a infância idealizada, perde o conforto da dependência e da simplicidade, enquanto começa a se deparar com o peso da responsabilidade e das escolhas. Esse é um luto silencioso, onde há uma espécie de despedida do mundo de certezas claras e simples para um mundo de ambiguidades, incertezas e experimentações.

Além disso, há o luto pelas relações com os pais, que se transformam nesse momento. A adolescência traz a busca por autonomia, mas essa busca também exige uma separação emocional, uma reconfiguração do papel dos pais na vida do jovem. Essa mudança pode gerar sentimentos de culpa, confusão e até angústia, pois, ao mesmo tempo que o adolescente deseja se libertar, ele também sente a necessidade de pertencer e de ser aceito.

Há também o luto da imagem do "eu", que o adolescente está constantemente tentando moldar e redefinir. A adolescência é marcada por uma busca incessante por identidade, e essa busca muitas vezes envolve a perda de várias versões de si mesmo. Cada tentativa de se afirmar, cada mudança de aparência, de comportamento ou de ideais é, de alguma forma, um luto de uma parte do ser que se deixa para trás enquanto a nova identidade vai se formando. Esse processo de "morrer" para si mesmo em busca de algo novo é doloroso, mas também é parte da construção do ser que o adolescente virá a ser.

Palavra do dia: Oscilações

* 1. Os dois nascimentos e dificuldades de aprendizagem

Na aula sobre os dois nascimentos e as dificuldades de aprendizagem, comecei a refletir sobre como o desenvolvimento humano vai além do simples nascimento físico. O nascimento biológico é apenas o começo, mas o nascimento social, esse que acontece conforme começamos a interagir com o mundo, me parece ser o verdadeiro ponto de transformação. É quando a criança começa a entender seu lugar na sociedade, a se descobrir e a ser influenciada por tudo o que está ao seu redor: a família, os amigos, a cultura, tudo.

Penso que muitas vezes não paramos para considerar o quanto as dificuldades de aprendizagem podem ser complexas. Não é apenas uma questão de não entender as coisas ou de ser distraído. Às vezes, a forma como uma pessoa processa os estímulos do ambiente pode ser diferente, afetando diretamente a maneira como ela aprende e interage.

9

Isso me fez perceber que cada pessoa tem um jeito único de aprender e se adaptar ao mundo, e isso não deve ser visto como algo negativo, mas sim como uma forma legítima de existir e de se desenvolver. Por isso, é fundamental que, no contexto educacional, respeitemos as diferenças e criemos ambientes mais inclusivos, onde cada um possa aprender no seu tempo e de acordo com suas necessidades.

Palavra do dia: Adaptação.

* 1. Amar e brincar: Fundamentos do desenvolvimento humano

Ao refletir sobre o capítulo 3 do livro Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano, me sinto tocado pela importância desses dois elementos no desenvolvimento humano. O ato de amar e o de brincar parecem ser tão simples à primeira vista, mas, na verdade, são fundamentais para nossa formação enquanto indivíduos. Amar é a base das nossas relações, é o que nos conecta ao outro, nos ensina a empatia, a reciprocidade e a cuidar. O amor, que muitas vezes pode ser visto de maneira idealizada, se revela no dia a dia das pequenas ações, nos gestos de cuidado, nos vínculos que estabelecemos ao longo da vida.

Já o brincar, por sua vez, sempre me pareceu algo essencial, não só para a infância, mas para a vida como um todo. O brincar nos permite explorar o mundo de forma livre, criativa e sem as amarras da realidade imposta pelos adultos. Quando brincamos, aprendemos a resolver problemas, a entender diferentes perspectivas, a criar histórias e a nos expressar sem medo. Esse espaço de liberdade, de experimentação, de criação, é algo que muitas vezes esquecemos à medida que crescemos, mas que, para mim, ainda é tão necessário.

É curioso perceber como, ao longo da vida, a sociedade tende a dar mais importância ao trabalho, à seriedade, às responsabilidades. Porém, muitas vezes esquecemos que o brincar e o amar são tão ou mais importantes para nosso bem-estar e desenvolvimento. Esses dois elementos deveriam ser mais valorizados e cultivados em todas as idades, pois são, na minha visão, fundamentais para nossa construção enquanto seres humanos completos e em equilíbrio.

Palavra do dia: Brincar.

* 1. FILME: "Como estrelas na terra, toda criança é especial”

Assistir ao filme "Como Estrelas na Terra, Toda Criança é Especial" me fez refletir profundamente sobre a maneira como as diferenças são tratadas na sociedade, especialmente

10

no contexto educacional. A história de Ishaan, um menino que sofre com dislexia e é incompreendido por todos ao seu redor, me tocou porque, muitas vezes, o que falta não é inteligência ou capacidade, mas sim a compreensão de que cada pessoa tem seu próprio ritmo e forma de aprender.

No filme, a forma como o sistema educacional tenta moldar todos os alunos da mesma maneira, sem considerar suas necessidades individuais, é algo que se reflete no cotidiano de muitas crianças. A ideia de que uma criança "não é especial" simplesmente porque não segue um padrão é um erro que, infelizmente, ainda vemos muito por aí. O filme me fez perceber que, para muitas crianças, a educação deveria ser mais inclusiva e sensível às suas particularidades, respeitando suas limitações, mas também valorizando suas potencialidades.

Eu fiquei pensando no quanto o sistema educacional precisa mudar para enxergar cada aluno de forma única, como uma estrela, com seu brilho próprio. O filme também me lembrou que, às vezes, o maior obstáculo para o desenvolvimento de uma criança não é sua dificuldade em aprender, mas a falta de apoio, paciência e compreensão das pessoas ao seu redor. Acho que todos nós, como sociedade, devemos ser mais atentos a essas crianças, que muitas vezes só precisam de um olhar mais atento e de alguém disposto a acreditar nelas, como o professor do filme fez por Ishaan.

Palavra do dia: Olhar.

* 1. Constituir um grupo - qual é meu papel?

Na aula sobre Constituir um grupo - qual é meu papel?, fui levado a refletir sobre os diversos grupos aos quais pertenço e o papel que desempenho dentro deles. Às vezes, não paramos para pensar que, em cada grupo, seja ele familiar, de trabalho, de amigos ou até educacional, todos têm um papel que vai além da simples presença. Acredito que todos nós, sem perceber, somos influenciados pelos grupos e, ao mesmo tempo, influenciamos aqueles ao nosso redor.

Penso que, em alguns momentos da minha vida, já exerci papéis diferentes dependendo do grupo. Em alguns, fui o líder, em outros, o observador, em outros ainda, o apoiador. Isso me fez pensar no quanto a dinâmica de um grupo é construída pelas interações de todos os seus membros. Quando entendo o meu papel, consigo me inserir de maneira mais consciente e, talvez, mais produtiva. Mas, ao mesmo tempo, é difícil identificar qual é esse

11

papel, porque ele não é fixo, ele muda de acordo com o grupo, as circunstâncias e até o momento da minha vida.

Essa reflexão me fez perceber que, muitas vezes, a identidade de cada pessoa é moldada por esses papéis. O modo como vejo o mundo, como interajo com os outros e como me relaciono com as minhas próprias emoções está, de certa forma, entrelaçado aos grupos dos quais faço parte. Percebo também que compreender meu papel nos grupos é uma forma de autoconhecimento, porque ao entender as interações que ocorrem entre nós, percebo também o que isso diz sobre mim e sobre como me posiciono na vida.

Palavra do dia: Papéis.

* 1. Pensamento educacional de Paulo Freire

O texto de Paulo Freire me fez pensar sobre a maneira como a educação pode moldar nossa visão de mundo. Senti que, ao longo dos anos, aprendi muito, mas em algumas situações, esse aprendizado parecia mais sobre conformidade do que sobre despertar para novas formas de pensar. Quando refleti sobre isso, percebi como é importante estar em um ambiente onde eu possa questionar, dialogar e realmente me envolver no processo de aprendizagem, sem ser apenas um receptor passivo de informações.

A partir dessa reflexão, me percebi mais consciente do meu papel como aprendiz e da importância de estar atento ao modo como a educação pode, ou não, nos ajudar a construir nosso próprio entendimento sobre o mundo. Sinto que, quando a educação é baseada no diálogo, ela permite uma troca real, onde tanto o aluno quanto o educador aprendem. Isso é algo que, muitas vezes, falta no sistema tradicional de ensino e que, para mim, seria a forma ideal de aprender.

Palavra do dia: Educação.

12

1. Reflexões Finais

Ao longo dessas aulas, percebi que o aprendizado foi muito além do simples adquirir de informações. Cada tema trouxe uma oportunidade de refletir sobre a minha própria forma de ver o mundo, sobre como me relaciono com os outros e sobre o impacto das estruturas sociais e culturais em nossa maneira de pensar e agir. Foi como se cada aula fosse uma chave que abrisse uma porta para uma nova compreensão sobre o ser humano, suas emoções, suas ações e as dinâmicas que nos moldam, muitas vezes sem que sequer percebamos.

A ideia de que somos seres complexos, influenciados por contextos históricos, culturais e sociais, me fez repensar o quanto essas influências nos definem. Somos, ao mesmo tempo, reflexos do nosso ambiente e agentes que podem transformar esse mesmo ambiente. Mas como realmente podemos mudar algo em nós e no mundo? A cada aula, a resposta parecia ficar mais clara: precisamos começar com o autoconhecimento, com a compreensão das dinâmicas que nos afetam e com a disposição para questionar, desafiando o que nos foi imposto como verdade.

O conceito de cultura, por exemplo, me fez refletir sobre como nossas crenças e valores são muitas vezes um reflexo de uma história construída por outros. Como posso, então, entender melhor a mim mesma e ao outro? Como posso ser mais empática e aberta à diversidade? É complicado, porque estamos tão acostumados a ver o mundo de uma forma que parece ser a única possível. Mas ao observar as dificuldades e os desafios que outras pessoas enfrentam, posso ver como essa visão é estreita e como precisamos, coletivamente, criar novas formas de nos entender e nos aceitar.

Falando sobre o desenvolvimento humano, percebi que as fases da vida são muito mais complexas do que imaginamos. A infância, a adolescência, a idade adulta… tudo parece ser uma constante adaptação. Nessa jornada, somos formados pelas experiências que vivemos e, ao mesmo tempo, somos responsáveis pela forma como vamos lidar com essas experiências. Não somos apenas passivos nesse processo, mas ativos, decidindo como reagir, como aprender e como crescer. E isso é algo que, muitas vezes, nos falta perceber na correria do cotidiano.

Os grupos também se destacaram durante o curso. Como me encaixo neles? O que faço para contribuir para o bem-estar coletivo? Essa reflexão me levou a perceber o quanto, muitas vezes, nos deixamos levar por pressões externas, por expectativas que não são nossas, e

13

como isso nos impede de sermos genuínos em nossos papéis. Olhar para esses grupos com mais crítica e mais empatia me fez querer ser mais autêntica, mais presente e mais disposta a entender os outros, não a partir do que eu imagino, mas do que eles realmente são.

A educação, como me foi apresentada nas aulas, não é apenas sobre ensinar conteúdo, mas sobre transformar, sobre abrir os olhos para novas formas de ver e viver. Cada aula foi, de alguma maneira, uma lição sobre como podemos ser mais humanos, mais compreensivos e mais atentos às necessidades do outro. E, a partir disso, nossa capacidade de transformar a sociedade também se amplia.

Este curso me ajudou a perceber que a verdadeira aprendizagem acontece quando conseguimos questionar, quando somos desafiados a olhar para dentro e para fora de nós com mais profundidade. E essa é, sem dúvida, uma das maiores lições que posso levar adiante.

14